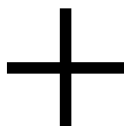


AMOR, RESPEITO,
TOLERÂNCIA, HUMANIDADE

– antologia literária –

Érica de Oliveira | João Paulo Hergesel

(organizadores)



AMOR, RESPEITO,
TOLERÂNCIA, HUMANIDADE

– antologia literária –

1.ª edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2019

Copyright © Editora Jogo de Palavras, 2019

Revisão:

Érica de Oliveira

Editoração:

João Paulo Hergesel

Ilustração de capa:

CC0 License

M231 + amor, respeito, tolerância, humanidade: antologia literária. / Vários autores ; organizado por Érica de Oliveira e João Paulo Hergesel. – Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019. 60 p. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-80097-07-4

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5. Cultura LGBT. I. Oliveira, Érica de. II. Hergesel, João Paulo. III. Título.

CDD 869.8992
CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2019
www.jogodepalavras.com

SUMÁRIO

Uma noiva para João do Campo <i>Joaquim Bispo</i>	7
Solange quer ir para praia <i>André Foltran</i>	11
O importante é ser feliz <i>Edih Longo</i>	13
duas garotas <i>Beatrice Medrado</i>	21
O bolero de Ravel <i>Elias Araujo</i>	22
esta noite, amor <i>Francisco Wellington Barbosa Jr.</i>	31
Avanços e retrocessos <i>Evandro Valentim de Melo</i>	33
Oro-aûsub <i>Adriane Moreira Nunes</i>	39
Permissão <i>Denivaldo Piaia</i>	41
Relato furtivo <i>Geovana De Morais</i>	42

Eu resisto	
<i>Jon O'Brien</i>	43
Mabel	
<i>Marina Gomes Silva</i>	49
Alma gêmea	
<i>Cláudia Sant'Anna</i>	51
Duas mãos	
<i>Juliana Ortogosa Aggio</i>	53
LGBTFOBIUS	
<i>Débora Cristina Alves</i>	54
Sobre os autores	57

Uma noiva para João do Campo

Joaquim Bispo

Era uma vez um rapaz que vivia sozinho no campo e raras vezes ia à cidade. Falava apenas com as cabras, os pássaros e as árvores, a não ser na festa dos rebanhos. Chegado à idade de casar, não conhecia ninguém que quisesse viver com ele, e pensava que todas as raparigas preferiam ficar na cidade, em vez de ir viver para o campo, onde, às vezes, faz muito calor e muito frio, e não há luz à noite. Então o João — assim se chamava o rapaz — foi falar com o rei, dizendo:

— Meu rei, já tenho vinte anos e ainda sou solteiro. Não sei de ninguém que queira casar comigo. Peço-te que me arranjes uma noiva para viver, dia e noite, lá no campo onde moro.

O rei ficou muito admirado por alguém do seu reino não ter com quem casar e disse:

— Daqui a três dias, volta aqui, mas traz a coisa mais bonita que o campo tem, como prenda para a tua noiva.

João assim fez. Daí a três dias, voltou ao palácio com um braçado de malmequeres. Ao lado do rei estavam três pretendentes, que ele tinha arranjado, entre as solteiras da cidade. Uma disse:

— Não gosto de malmequeres, que me fazem espirrar!

A segunda disse:

— Tenho muitos, lá em casa, mais bonitos que esses!

A terceira disse:

— Os malmequeres são as minhas flores preferidas. Caso contigo.

No dia seguinte, fez-se uma grande festa e casaram-se os noivos que, por fim, partiram para o campo. Durante uma semana, viveram os dois muito alegres. Corriam, reboavam nos prados, jogavam às escondidas e riam-se a valer. Depois, o casal começou a ficar triste, porque esperava que o casamento fosse diferente. A rapariga dizia que o João não gostava dela, o que era um pouco verdade. Achava-a muito delicada, muito “menina da cidade”. Começou a desejar que a sua noiva fosse mais robusta e gostasse de jogar à bilharda, à pedrada, e a outros jogos de rapazes do campo. Resolveram pedir ao rei que os descasasse e lhes arranjasse outros noivos. Assim fizeram. Contaram ao rei o que tinha acontecido e ele ficou muito pensativo. Disse ao João:

— Volta daqui a três dias, mas traz a coisa mais saborosa que o campo tem, como presente para a tua noiva.

João assim fez. Daí a três dias voltou com uma saca de peras, muito cheirosas e suculentas. Ao pé do rei, estavam três pretendentes. A primeira disse:

— As frutas doces fazem-me engordar.

A segunda disse:

— Para comer peras, fico em minha casa!

A terceira disse:

— As peras são a minha fruta preferida. Caso contigo.

Assim se fez e, depois da festa, os noivos partiram para o campo. Durante uma semana correram, saltaram, riram e brincaram muito. Depois começaram a ficar tristes. A rapariga dizia que o João já não gostava dela, e era verdade. Achava-a demasiado suave e frágil. Parecia-lhe que havia de preferir uma que fosse mais vigorosa e gostasse de jogar às quedas e ao jogo do pau. Contaram tudo ao rei, que os descasou e que, depois de pensar um bocado, disse ao João:

— Volta cá daqui a três dias, mas traz a coisa mais divertida que há no campo, como lembrança para a tua noiva.

João voltou no dia combinado, com um par de cajados. A primeira das novas pretendentes disse:

— Que jogo tão rústico! Eu só gosto de jogos de tabuleiro.

A segunda disse:

— Que bruto; ainda alguém se magoa!

A terceira disse:

— O jogo do pau é o meu favorito. Caso contigo.

O rei, então, disse:

— Vão para o campo e voltem só daqui a um mês. Se então me disserem que continuam a querer casar-se, assim farei, mas só se gostarem de viver um com o outro.

Os noivos assim fizeram. Durante a primeira semana, não fizeram outra coisa senão jogar ao jogo do

pau. Depois jogaram à pedrada, ao braço-de-ferro e ao salto a pés juntos, zonzos de alegria. João estava feliz. Finalmente encontrara alguém com os mesmos gostos. E também gostava do seu corpo, que era musculado e rijo, à maneira do campo. Passaram a dar muitos beijinhos e decidiram dizer ao rei que, agora sim, estavam bem um para o outro e queriam casar. Mas, antes, a noiva confessou:

— João, eu, na verdade, não sou uma rapariga; sou o filho do rei. O meu pai, avisado por um mágico, fez que eu sempre me tenha vestido de princesa e ninguém no reino sabe que eu sou, na verdade, um príncipe. Quando te vi, gostei do teu ar campestre, e quando soube das tuas dificuldades com as outras raparigas, percebi que talvez fosse eu a pessoa que te pudesse contentar. E realizar-me contigo. Eu próprio, também me queria casar. Então, pedi ao meu pai para me deixar vir para o campo contigo.

João, apesar de surpreendido, aceitou e beijou apaixonadamente o amor da sua vida. Estavam ambos felizes e isso era o que na verdade interessava.

Quando se completou um mês, voltaram ao palácio e contaram ao rei que estavam decididos a casar. Houve uma grande festa e o rei, em pessoa, casou a princesa com o João, perante todo o povo. Todos se divertiram e um dos mais animados era o rei, que, finalmente, via o seu filho feliz.

Solange quer ir para praia

André Foltran

Solange quer ir para praia
Solange quer ir ver o mar
Por isso Solange trabalha
Solange só faz trabalhar
Solange nasceu de cesárea
Chamava Eliéser, prazer
Hoje sou Solange, Solange
Lambe range o que tu quiser
Solange não ri, só gargalha
Solange quer ir para praia
Solange quer ir ver o mar
Solange tem uma navalha
Logo hoje esqueceu de trazer
Solange não ri, é uma falha
Solange tem pau e é mulher
Solange? Não vi. Foi pra praia
Sou Omar, traveco, prazer
Solange sozinha no beco
Solange sozinha na vida
Solange, o mar não tem saída
Vai, nada, menino-mulher!
Só range, socorro, socorro

Solange quer ir para praia
Solange quer fugir do Omar
Solange quer subir o morro
Solange não quer trabalhar?
Socorro, não ouvem Solange
Socorro, que eu morro, soco-
Uma onda que leva três dentes
Solange, que nunca foi crente
Já sente a torrente do mar
Como entra lá dentro da gente
Como é fácil de se afogar
Solange batalha, ele vence
Aperta o pescoço, a corrente
Zomba monta arromba, Omar
Vai sugando os peitos e o ar
Solange quer ir para praia
Solange nasceu de cesárea
Solange não sabe nadar

O importante é ser feliz

Edih Longo

Dei a volta no quintal para pular pela janela do meu quarto. Mamãe me esperava com uma vara de marmelo. Tentei pular novamente a janela de volta ao quintal e meu irmão mais velho entrou por ela. Ele tinha me visto com Gabriel, meu primeiro namorado.

Apanhei tanto que quando acordei estava estirado na cama com marcas por todo o corpo. O lençol todo ensanguentado. Ao pé da cama, uma velha mala me olhava ironicamente:

— Para onde vamos, amigo?

Levantei-me aos tropeços. O corpo inteiro era uma dor só, mas o que mais me doía era o coração. Dizem que músculo não dói, pois o meu parecia uma ferida aberta e sangrando. Se meu pai fosse vivo, será que me entenderia?

— Não amigo. E agora, que importância tem isso?

Nunca entendi direito o que se passava comigo. Desde pequeno, sempre gostei de coisas femininas. Esperava minha mãe dormir para colocar os vestidos das freguesas. Ficava horas desfilando diante do espelho do quarto de costura. Na Escola, gostava de fazer ginástica, mas não gostava de jogos com atritos corpóreos. Adorava assistir aos musicais do Cinema Americano. Nas Olimpíadas, gostava de assistir aos ginastas. Gostava de assistir na TV aos balés clássicos.

Quando ganhei um cachorro no Natal e dei-lhe o nome de Misha, que é o apelido de Mikhail Baryshnikov, ganhei também uma surra. Minha mãe é machista ao extremo e me fez trocar o nome do cachorro. Como ela não entende nada de balé, mudei para Fred Astaire e ela adorou só por causa dos filmes. Dá para entender? Cheguei à conclusão de que ela não é machista, é uma baita ignorante mesmo.

Quando conheci o Gabriel, fiz a inscrição na Escola de Balé da cidade. Para mamãe, essas horas que eu passava lá eram para pesquisas que fazia na Biblioteca do Colégio. Meu Deus, que ela nunca descubra que gastei toda a minha mesada nisso.

— Para onde vamos, colega?

— Cale a boca. Como posso pensar se você não cala essa boca maldita?

Lembrei-me de que o Sr. Alencastro era caminhoneiro e vivia fazendo viagens para o sul do país. Não poderia pedir isso a ele, pois fatalmente se negaria a me levar para qualquer cidade. Logo, fiz o que achei que devia: enfiei-me no meio das mercadorias que já estavam acomodadas na carroçaria. Chegamos à primeira cidade e com medo de ser descoberto, fiquei quieto.

Na segunda, não aguentei e tive que descer para ir ao banheiro. Quando voltei, o caminhão não estava mais no local. Chorei desesperado. Não sabia onde estava. Era madrugada e chovia. Fiquei horas embaixo de uma árvore esperando clarear.

Abri a velha mala e me emocionei ao ver um maço de dinheiro e o endereço de uma tia em São Paulo. Mamãe

não me abandonara totalmente. Mostrara-se dura para dar um exemplo. Não é fácil criar cinco filhos sozinha. O pequeno bilhete feito com letras analfabetas, dizia: “Seja feliz!”.

Minha tia me acolheu de forma tão amorosa que cheguei a me sentir mal. Expliquei-lhe imediatamente o que tinha acontecido e ela, afetuosa e sincera:

— Somos feitos para sermos felizes. Sua mãe me avisou e eu a censurei. Não entendemos todos os mistérios que a vida nos mostra. Temos que aprender a desvendá-los aos poucos. Vou adorar ter você comigo. Já arrumei o seu quarto. Vá tomar um bom banho e descansar, depois pensaremos num futuro.

Aquela mulher que eu mal conhecia, pois tinha saído de nossa cidade à cata de uma identidade própria, adotara-me e eu a ela. Tia Carmen era uma espécie de ovelha negra de uma família de doze filhos. Era irmã mais nova de minha mãe que sempre a criticava por ter deixado tudo, quando os pais de ambas morreram.

Ela veio, formou-se em Engenharia Química e trabalha numa empresa conceituada. Com apenas trinta e cinco anos era uma profissional respeitada. Arrumou-me vaga no colégio, um emprego de *office-boy* na própria empresa em que trabalha e me disse:

— Agora escolha as armas certas. Pise suas próprias pedras. Levante o peito e enfrente a vida que é diária. Nunca deixe ninguém ser dono de você. Acima de tudo, respeite as leis sociais; respeite seus semelhantes e seja feliz.

Tirou da bolsa um papel onde, entre lágrimas, li minha inscrição num curso de balé clássico.

— Seja o melhor no que escolher fazer. Um dia, espero ser ressarcida não em dinheiro, mas em orgulho.

Nunca briguei tanto por um lugar ao sol como agora. Deus já escolhera minha rota, agora cabia a mim a melhor forma de segui-la. Ensaíava mesmo depois que todos os alunos iam embora, pois me ofereci para limpar o salão da escola depois das aulas. Ficava naquele espaço mágico sozinho, dançando e inventando passos.

Numa apresentação livre proporcionada pela escola, fui aplaudido de pé e minha diretora colocou o quadro que eu tinha inventado no programa de final do ano. Um empresário presente me convidou para trabalhar em um canal de televisão como professor corporal para os atores. Era o meu primeiro grande emprego.

Estava ganhando muito bem e agora podia ousar comprar meu cantinho. Comprei um apartamento com dois quartos. Quando entreguei as chaves e a escritura provisória para tia Carmem, ela não acreditou:

— Mas em meu nome?

— É seu. Quando terminar de pagar, terá a escritura definitiva. O meu, pretendo comprar no exterior. Claro que sempre terá um quartinho pra você arrumadinho. Estou pensando em, no máximo dois anos, ir pra Europa. Vou meter as caras, tia. Começo lá do calcanhar, vou subindo pelas pernas, tronco, até chegar à cabeça da Europa, que acha?

— Já o vejo lá, filho.

Minha tia nunca me perguntou com quem ando, se estou namorando, com quem estou namorando. Apenas sorri e me pergunta: está feliz?

Inscrevi-me numa escola de balé russa. Fui fazer os testes e, claro, não passei. Não me decepcionei; pelo contrário, aquilo me deu ímpeto para continuar tentando uma vaga.

Conheci o amor da minha vida. Aquele com quem eu queria passar a vida toda e apenas ser feliz. Marcos Moriel, um espanhol também apaixonado pela dança. Formamos uma dupla afinadíssima. Criávamos nossa própria coreografia e nos apresentávamos em festas de casamento, aniversário, formatura. Onde houvesse um espaço, a gente estava lá.

Mirna Oliveira, uma portuguesa muito talentosa juntou-se a nós. Com o tempo ficamos conhecidos no meio e aconteceu o óbvio. Numa de minhas inscrições para a escola, nem precisei passar por todos os testes, fomos os três aceitos e estávamos integrados, finalmente, a um grupo sólido. Mas eu queria mais. Comecei a enviar matérias promocionais do grupo e qual não foi a minha surpresa quando um dia, um empresário americano me procurou:

— Gostariam de uma nova experiência? Estou procurando bailarinos clássicos para um musical da Broadway. Claro, podemos conseguir isso em Nova Iorque mesmo, mas queremos experimentar gente nova.

Éramos quinze no grupo e todos aceitaram. Ficamos dois anos em cartaz. Enquanto a peça acontecia, fazíamos cursos no Ballet of New York, onde surgiu uma

oportunidade para nos apresentarmos também. Foi um período de muito trabalho.

No meu aniversário de trinta anos, recebi a presença luminosa de minha tia Carmem. No final de uma apresentação, vi aquela figura meiga chorando na primeira fila.

— Obrigada, eis o ressarcimento ao qual eu me referi um dia. Você é mágico. Voa como os pensamentos bons e os pássaros livres.

Um dia, o empresário chegou exultante dizendo que recebemos uma proposta para excursionar pela América do Sul. Suei frio. Confesso que nunca pensei que voltaria ao meu país.

Começaríamos pelo Brasil. Imaginei-me como muitas vezes fiz, inclinando-me para os aplausos, e lá, nas cadeiras da frente a minha mãe e meus irmãos com os olhos cheios de lágrimas acenariam para mim com orgulho.

Fingia que as pessoas que se sentavam na primeira fila sempre eram eles e chorava por dentro. Passei as mãos pelas costas e senti as dores antigas voltarem. Respirei fundo, balancei os cabelos, jogando para longe as más recordações e aceitei o desafio.

As apresentações em São Paulo foram magníficas. Como sempre, a minha querida tia estava lá na primeira fila. Fizemos mais vinte e cinco apresentações pelo país depois fomos para o Chile, Argentina e Venezuela. Em todos os países, eu continuava procurando a minha mãe e meus irmãos na primeira fila. Aliás, mesmo na Europa eu os procurava.

Comprei o meu sonhado apartamento e mandei as passagens para Tia Carmem. Eu a queria perto de mim. Ela estava ficando velha e muito solitária. Ela chegou numa manhã de outono. Linda, com um expressivo sorriso. Abraçou Marcos e apenas perguntou:

— São felizes?

Havíamos feito mais de vinte apresentações por vários países da Europa. Eu já estava fazendo direção artística quando substitui Mr. Benson, mas continuava atuando. Precisávamos encerrar a temporada em Nova Iorque e criamos um espetáculo completamente moderno.

A coreografia estava divina e fora feita pela Mirna Oliveira. O Marcos estava hospitalizado e eu muito preocupado com o seu estado de saúde, mas precisava ser forte. Sempre precisei ser forte.

O espetáculo foi fantástico. Dancei por mim e por Marcos. Graças a Deus, ele saiu do hospital antes da estreia. Quando me reclinei para os agradecimentos, minha vista se anuviou, senti uma dor tão grande no peito que pensei que fosse sufocar.

Lá na primeira fila, estava a tia Carmem, minha mãe e todos os meus irmãos acenando para mim. Passei uma borracha no passado, reorganizei as linhas do presente e apenas os abracei chorando e imaginando um mar azul e calmo de futuro. Quando apresentei o Marcos para minha mãe, ela apenas disse:

— São felizes?

Apenas a olhei e quando vi o brilho intenso naqueles olhos, finalmente senti que aquele orgulho era o meu valor de importância para ser feliz.

duas garotas

Beatrice Medrado

estou com minha mão
dentro da sua calça
e a sua dentro da minha
ela está sem calcinha

ela diz que está
adorando a visão
enquanto entreabro
meus lábios vermelhos
de tanto ser beijado
pelos seus

me beije mais uma vez
e me abrace mais forte
me faça sentir
segura
porque essa é
a última coisa
que tenho sentido
ultimamente

O bolero de Ravel

Elias Araujo

No dia em que Ermelinda Passos descobriu o segredo do filho, estava sentada à mesa da cozinha, onde chorou mansamente poucas lágrimas. Não por seu próprio sofrimento de mãe, mas por acreditar que Miguel sofria. Depois enxugou os olhos e encarou Rivaldo, o marido, que se afastara até as costas baterem no armário de aço.

— Desculpe, mãe — disse o rapaz. — Desculpe, pai. Mas por favor, não me façam escolher, porque... vocês três são as pessoas mais importantes da minha vida.

O terceiro personagem do amor de Miguel conheceu os olhares desconcertados de Ermelinda e Rivaldo no dia seguinte. Miguel reuniu as três pessoas mais importantes de sua vida na noite do seu aniversário. Não houve festa, nem convidados. Apenas Ermelinda Passos e os três homens.

Os olhos estavam repletos de dúvidas e incertezas sobre como deveriam comportar-se, o que falar, onde enfiar as mãos, o que seria ofensivo ou não. Os cumprimentos foram polidos, cordiais, cheios de dedos que tremiam. Toques leves. No ar pesado da sala.

— Pai, olha só que coincidência, o Lucas está se formando este ano na mesma área sua — disse Miguel, tentando quebrar o silêncio do pai na hora do almoço. — Ele faz Administração na FACAN.

Ermelinda sentiu pena do filho novamente.

— Que bom — disse seu marido, com um ricto que imitava um sorriso amargo. Depois se entregou novamente ao silêncio constrangedor, como quem se rende ao inimigo.

Ermelinda ofereceu-lhe mais um pouco de salada de batatas, que era seu prato preferido. Ele grunhiu uma resposta ininteligível, mas ela sempre entendia perfeitamente os resmungos dele. Anos de convivência com muito amor e paciência fizeram-na boa intérprete. Encheu o prato dele, como se quisesse manter sua boca ocupada.

— Sua comida está deliciosa, dona Ermelinda. — disse Lucas, sorrindo. E fitou o namorado. — O Miguel sempre se gabou de ter uma mãe com mãos de chef.

Ela agradeceu mais polidamente do que desejava. Teve a impressão de que soou tão falsa quanto todas as palavras que Rivaldo dissera até aquele momento. Quando acabaram de comer, ela levantou-se e foi buscar o bolo que havia feito durante o dia. O marido levantou-se também e começou a sair.

— Valdo, você não vai querer um pedaço de bolo? — perguntou ela, sorrindo.

— Você sabe que eu não gosto de doce, Linda! — exclamou ele. — Que ideia é essa agora de me oferecer bolo de aniversário? Tô lá na sala, vai começar o Domingo Legal.

Enquanto comiam o bolo de silêncio recheado com exclamações esporádicas, ouviram o som da televisão. Muito baixo, quase inaudível. Era como se Rivaldo estivesse fingindo assistir enquanto tentava ouvir o que falavam ali.

— Ele não gostou muito de mim, né? — disse o rapaz, constrangido.

Ermelinda e Miguel trocaram olhares rápidos e carregados de cumplicidade.

— Não, não mesmo — respondeu ela, muito sincera. — Mas é mais pela situação do que pela pessoa. Eu também não gosto de ver meu filho único namorando um homem. Mas eu aceito tudo o que fizer dele um homem feliz.

Ela se levantou e foi levar os pratos de bolo para a pia.

— Eu amo o Miguel, dona Ermelinda. E vou fazer dele um homem feliz.

Ouviram um clique nervoso desligando a TV. E em seguida ruídos de alguma coisa sendo procurada, achada, colocada, ligada. O som da música encheu a cozinha suavemente, como líquido preenchendo cada vazio num copo cheio de pedras. Ermelinda olhou para o filho e fez um sinal discreto para que ele fosse falar com o pai. A música estava chamando.

Viu o filho beijar o amigo na testa, segurando a cabeça dele entre as mãos, com tanto amor e carinho que ela quase se comoveu. Depois que ele saiu, colocou o resto das coisas na pia e começou a lavar. Lucas ofereceu-se para ajudá-la. Ela deu-lhe um guardanapo para enxugar a louça.

— Que música é essa? — perguntou o rapaz.

— O Bolero de Ravel, um músico francês do começo do século passado. É a preferida do Rivaldo. Acho que é a música da alma dele. Fazia muito tempo que ele...

Sorriu e fitou-o durante alguns segundos.

— Você é um moço bonito.

— Obrigado.

— Por que não se apaixonar por uma garota? Você nem parece... viado...

— O Miguel e eu somos machos, dona Ermelinda. — respondeu com um sorriso simpático, ela percebeu que ele não se ofendera. — Foi isso que aproximou a gente. A gente se olhou e já sabia que alguma coisa tinha acontecido.

Ermelinda sorriu. Algo pareceu passar por sua mente. Uma lembrança. Recente, mas tinha um sabor tão grande de distância que ela simplesmente deu-se o direito de devanear. Fechou a torneira e ficou olhando para o moço.

— Quando eu conheci o Rivaldo, a gente se olhou e também sabia que alguma coisa tinha acontecido entre um lado e outro do clube. Era minha formatura. Ele era o namorado de alguma das meninas de outra turma. Não sei por que raios foram escolher o Bolero de Ravel para a nossa entrada. Mas ficou lindo! E ele estava lá, tão bonito e sorridente.

— Foi amor à primeira vista? — perguntou, muito interessado.

Ermelinda pareceu voltar ao normal. Abriu a torneira novamente.

— Amor à primeira vista? — repetiu com desprezo.
— Isso é o maior e mais infundado clichê das histórias de amor. Isso tudo é ilusão, isso de se olhar e saber que alguma coisa aconteceu, que encontrou a pessoa certa e blá-blá-blá.

— A senhora parece desiludida, dona Ermelinda.

Ela sorriu amargamente.

— Eu pareço uma senhora? Pareço uma dona? Sei que parece bobeira ficar falando isso sem mais nem menos, mas... depois que tudo passa, você vê que as flores murcham no vaso, a neve derrete, a chuva escorre nas beiras das esquinas. A chuva escorre e não é nada mais do que enxurrada suja e contaminada. A beleza dela se foi.

— Se eu puder fazer alguma coisa pra segurar a água da chuva, eu vou fazer, se isso fizer o Miguel continuar gostando de mim.

— Filho... com homem e mulher já é tão difícil! Imagine com dois homens.

— A senhora conseguiu manter seu casamento por... Quanto tempo faz?

— Dezenove... Quando a gente começa um casamento ouvindo Bolero de Ravel e termina escutando música quase sertaneja, não sei se tem vantagem manter o casamento.

— Mas o seu Rivaldo ainda está ouvindo Bolero de Ravel!

— É... você disse tudo: “ele” escuta.

— A senhora não gosta mais desse tipo de música?

— A questão não é gostar da música, eu acho... Não sei, Lucas, não sei. Eu vi o Miguel te beijando na testa com tanto amor, como o Rivaldo fazia comigo há tanto... tanto tempo.

— Desculpe, eu...

— Aí pensei, por um segundo, que o amor é igual em qualquer parte do mundo e, principalmente, em qualquer parte do corpo. A única coisa que muda é a música. Hoje você ouve Bolero de Ravel. Amanhã ouve Entre tapas e beijos. Então, gostar ou deixar de gostar não é o problema. — Ela fez uma pausa e fechou a torneira. A música tinha parado. Ouviram o silêncio da sala, depois um sussurro, como se o diálogo entre os dois homens de lá tivesse gosto de arame farpado. Depois a música recomeçou. — O problema é quando a música deixa de fazer sentido.

— Mas quando deixou de... fazer sentido? O amor de verdade não perde a beleza da música que a gente canta junto.

— Você e o Miguel são meninos ainda. Essas palavras piegas são normais na sua idade. — ela riu amargamente, mas tentou disfarçar. — Só espero que vocês gostem de verdade da mesma música durante muito tempo ainda. Porque vai ser difícil ver meu filho sofrer quando... precisar virar o disco, como se dizia antigamente. É... antigamente a gente virava o disco. Hoje se joga fora o CD.

— A senhora nunca pensou em ter outros filhos?

— Já. — respondeu sem olhar para o moço, embora estivesse entregando a louça para ele secar. —

Mas não quisemos. Já tive que casar às pressas porque eu estava grávida do Miguel.

— Isso não se usa mais hoje em dia, as meninas estão ficando grávidas cada vez mais cedo. E casamento não é mais solução pra isso.

— É, mas meu pai ainda vive no século passado. Bem antes da virada do ano 2000.

Sorriram e acabaram de lavar a louça. Ela pegou uma panela e foi guardar no armário, mas depois desistiu de guardar o resto. Sentou-se e esperou o outro imitá-la.

— Mas a senhora já gostava do seu Rivaldo. Então o Miguel veio só pra dar um empurrãozinho.

— É... Mas às vezes o empurrãozinho faz uma diferença tremenda em longo prazo.

— Meu avô costumava me falar que o homem sempre esteve a um passo: ou da queda ou da subida; ou do ódio ou do amor; mas sempre precisou de um empurrãozinho.

Ermelinda riu. Dentes muito brancos num rosto apreensivo de quem se encontra diante de uma estrada que se trifurca.

— Não estou rindo de você. Só pensei no que você falou. E imagino em que momento eu dei o “empurrãozinho” no Miguel pra ele virar... gay...

Lucas olhou-a durante um longo tempo, como se a estudasse, mas ela percebeu que ele estava sentindo pena dela, antecipada, pelo que ia contar:

— Dona Ermelinda... não sei se eu devia falar, mas... o Miguel teve a primeira relação com outro garoto aos 10 ou 11 anos, ele não se lembra direito. Mas foi aqui na sua casa.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Tentou disfarçar, olhou em direção à porta que dava para o corredor que levava à sala, onde os dois homens estavam tentando conversar.

— Acho que... Acho que andei ouvindo Bolero de Ravel demais. Achei que estava salvando uma coisa e acabei perdendo duas...

— De repente... a senhora não perdeu, mas... ganhou uma terceira... que veio dar um empurrãozinho pra voltar a ouvir a música... Não sei... Mas a música já tocou duas vezes lá na sala e nós não temos mais nada pra fazer aqui na cozinha...

Ela enxugou os olhos para vê-lo levantar-se e estender-lhe a mão. Foram juntos para a sala. A cena comoveu-a, mas não chorou novamente. Tentou manter-se firme. O marido estava sentado em sua poltrona preferida. O filho estava ajoelhado ao lado do assento, com a cabeça deitada sobre a perna de Rivaldo, a mão direita do pai descansando carinhosamente sobre seus cabelos.

Mas viram o sangue. Na camisa de Rivaldo. No rosto de Miguel, onde se mesclavam dor e sorriso. Porém, havia a mão sobre os cabelos do filho.

Ermelinda apertou a mão de Lucas, quando percebeu que ele ia correr para o namorado. Depois a soltou e foi sentar-se no sofá. Lucas ficou parado perto do corredor, apenas olhando o menino que amava. A música

foi abaixando suavemente, suavemente, até terminar. Uma nova canção começou, ele não sabia qual, nunca gostou de música clássica. Hesitou um pouco, mas acabou tomando coragem. Caminhou lentamente pela sala e foi ajoelhar-se diante do aparelho de som. Passou o dedo indicador pelos botões até encontrar o botão de retrocesso. Deu dois toques e foi sentar-se ao lado de Ermelinda.

A batida cadenciada do Bolero de Ravel voltou a encher a casa. Ermelinda sabia que logo teriam de se levantar, desligar o som, voltar à realidade. Mas no momento, deixou-se levar pelo empurrãozinho. Como se fosse feliz novamente, mesmo que pela última vez.

esta noite, amor

Francisco Wellington Barbosa Jr.

esta noite
te entrego meu corpo
e dançamos uma valsa
que nos desarruma os cabelos

será nossa desordem
nossa desordem
mais harmônica
do que as mais belas
pinturas
do que os mais sacros
concertos

esta noite
eu sei:
não seremos dois homens
nem dois animais

seremos dois astros
que se cruzam
e se completam

num céu de estrelas
para além de uma vida
para além de um gozo

esta noite
seremos dois em um
seremos um em dois
uma metáfora sinestésica
do inexplicável

Avanços e retrocessos

Evandro Valentim de Melo

Felipe, quase a meditar, se encontrava distante do local em que estava fisicamente. A aterrissagem no 'aeroporto' do presente deu-se com a chegada do garçom à mesa. Trouxe consigo, um prato ricamente arranjado: sushi. Felipe o admirava e antecipava o prazer que viria a seguir. A fome, contudo, superou o desejo de contemplação e ele se serviu.

De repente, som semelhante ao estouro de boiada se fez ouvir. Felipe se virou e descobriu a origem. Crianças em grande quantidade, adentravam à praça da alimentação.

Há pouco terminara a gincana, uma das atrações da Festa da Família, promovida pela escola, vizinha àquele shopping. Na tentativa, vã, de controlar a imensa energia comum àquela menina, algumas mães e um ou outro pai tocando a "boiada".

Antes de os decibéis ultrapassarem, em muito, os níveis mínimos de segurança auditiva, Felipe pôde ouvir comentário positivo acerca do título "Festa da Família". Entre os alunos, sempre havia alguns que, por motivos variados, não possuíam pai, outros, mãe e outros, ainda, que até tinham ambos, mas esses não mais se relacionavam e evitavam se encontrar, nem mesmo em razão dos filhos. A escola, portanto, demonstrava sensibilidade ao não comemorar, isoladamente, o dia das mães e o dia dos pais. Adaptações à vida hodierna. Felipe

pensou “os tempos são outros; as escolas precisam mesmo se ajustar”.

Falava-se alto e simultaneamente. Alguém escutava? A retumbância só diminuiu quando sanduíches, sucos e refrigerantes chegaram às mesas. Bocas cheias inibiam as conversas, salvo para algumas crianças, exceções que continuavam a falar mesmo enquanto comiam. Educação é um processo com velocidades distintas.

Satisfeitos, pouco a pouco, adultos e crianças se afastavam do local, rumo a suas rotinas de sábado.

Felipe atravessava momento ímpar em sua vida: um processo de adoção tardia. A gênese desse ciclo se originou há tempos. Questionamentos, dúvidas, inseguranças o acompanharam a cada passo. A ideia assumiu papel protagonista em seus afazeres, seu cotidiano, na forma dele se relacionar com o mundo. Acatou a ordem de seu coração e, finalmente, decidiu ser pai.

Adoção tardia. Conheceu a expressão quando pesquisava, a fim de decidir o que fazer diante das inquietações experimentadas. É essa a designação recebida quando uma criança, com três anos de idade ou mais é adotada.

Sempre que possível, Felipe se aproximava de pessoas que conversavam sobre crianças mais crescidas, pois assim era Amanda, a menininha de cinco anos de idade, que lhe furtara o coração, em uma das visitas aos muitos orfanatos.

Instantaneamente, assim brotou o interesse por ela, quando a viu. Olhos de jabuticaba, cabelos crespos, boca pequenina... A filha idealizada. Início sofrido o dessa relação. De um lado, Felipe, transbordante de amor por uma menina que o dominava, sem o saber; de outro, Amanda, desconfiada, talvez com fragmentos de rejeição tatuados na mente; pela condição “disponível para adoção” da qual, a seu modo, tinha consciência.

Jamais o ditado popular “comer pelas beiradas” fez tanto sentido. Pouco a pouco, Felipe se aproximou daquele ser; desrespeitou-lhe as fronteiras psicológicas, desativou explosivos nos campos minados ao redor daquela criança, armados por ela própria e certa vez, ao chegar para uma das visitas, Amanda caminhou em sua direção. Ele não sabia o que fazer. Esperar, fugir, volatilizar, ir ao encontro dela... Minutos de indescritível apreensão. A agonia erodiu quando ela, simplesmente, o abraçou. O esforço daquele marmanjo para segurar as lágrimas foi comparável aos de Psiquê ou de Hércules, na mitologia grega, diante de seus trabalhos, narrados há tanto tempo. Dali em diante o mútuo chamego entre o adulto e a criança só se avolumou.

Tempo. O seu senhor, Chronos, o fez transcórrer, até o dia em que o apartamento de Felipe recebeu visita de uma dupla fundamental no processo: um psicólogo e uma assistente social. Conversaram longamente. Felipe respondeu a inúmeras perguntas. Talvez a mais importante de toda a entrevista, tenha sido a dele:

— Preciso de uma resposta honesta. Sou homossexual; moro só, como vocês puderam constatar. Essas minhas opções afetarão negativamente meu desejo de adotar Amanda, diante do juiz?

O inquiridor mirava atentamente a expressão facial dos entrevistadores, mas não percebeu sequer um franzir de sobranceiras.

— Tais opções serão registradas e entram como matéria-prima em nosso relatório. Os objetivos dessas visitas, entre outros, consistem em conhecer o ambiente que aguarda a criança.

A entrevista durou, seguramente, quase duas horas e meia. Felipe sentiu-se como submetido a uma ressonância magnética. A diferença era que, por meio do “exame”, avaliavam as “imagens” de seu caráter, suas intenções com a adoção.

A dupla explicou que, no passado, antes desses cuidados, crianças foram “adotadas” para serem empregadas domésticas sem remuneração, ou pior, para tráfico de órgãos. Atrocidades que demandaram cuidados muito maiores.

Ao final, quando já se dirigiam à porta, a assistente social comentou:

— Em nossa experiência com adoções homoafetivas, até o momento, não vimos quaisquer diferenças que permitam afirmar que os resultados são melhores ou piores do que as de casais héteros.

O psicólogo arrematou:

— O mesmo se pode dizer quanto a filhos. Não há qualquer garantia de que a origem do filho, biológica, adotiva ou de laboratório, fará dele boa pessoa. Há muito preconceito e falta de informação.

Felipe não resistiu:

— Garanto-lhes que sei exatamente o que você quis dizer quanto ao preconceito. Porém, penso que o fundamental, o mais importante, é que as crianças sejam acolhidas com amor, respeito, enfim, que encontrem, no verdadeiro conceito, uma família e um lar. É o que pretendo constituir com Amanda.

A permissão para Felipe conviver com Amanda, por alguns dias sob o mesmo teto, finalmente lhe chegara às mãos. Na próxima segunda-feira, estariam juntos. Trinta dias. Esse foi o prazo, experimental ainda, concedido pela Vara de Infância.

Felipe rememorava toda a trilha percorrida. Avaliava positivamente o processo de adoção, exceto por achá-lo excessivamente longo. Mas o reconhecia necessário, haja vista as aberrações do passado, contadas a ele na entrevista. A condução pelos profissionais envolvidos, até ali, era digna de aplauso. “Finalmente a humanidade evoluiu” - pensava Felipe, sentindo-se grato à vida. Um ótimo momento, sem dúvida.

Um leve esbarrão de um dos meninos em sua cadeira, trouxe-o novamente ao presente e ele achou que era o momento de partir. Olhou carinhosamente para a sacola com peças de roupa, que ele adquirira para o primeiro dos dias que tanto aguardava. Contagem regressiva para a manhã de segunda-feira.

Enfiou o braço nas alças da sacola, levou a bandeja com o prato, vazio, até o local designado para tanto, depois que os comensais terminam suas refeições. Esforçou-se para escutar o que três mães retardatárias conversavam. Quem sabe alguma dica que ele pudesse

aproveitar. Efetivamente, falavam de seus filhos, dos filhos alheios, bem como das professoras desses.

— A professora de Matemática? É um monstro! - Disse uma.

— Mal resolvida! - Complementava outra.

— Deve ser falta de homem! - Emendou a terceira.

As três riram juntas. Depois se calaram, ao notarem Felipe próximo à mesa que ocupavam. De rabo de olho, ele percebeu que elas o olhavam com admiração. Tinha consciência de ser um belo homem. Agiu como se não houvesse escutado as referências à professora de Matemática. Ao descer pela escada rolante, Felipe refletiu: “A humanidade oscila em sua evolução, ocorrem avanços como no meu processo de adoção, no nome da festa escolhido pela escola, mas, infelizmente, há retrocessos, como o que ouvi há pouco. A caminhada rumo a um patamar de mais aceitação ainda é longa...”.

Oro-aûsub

Adriane Moreira Nunes

A catequização era nas sextas,
“Aulas” de português, quintas.
Privada dos meus pensares,
Dos meus amares,
Da minha liberdade.
Por que mais viver?
A capitalização do meu ser
Era o que ocorria todos os dias.

Do navio negreiro você vinha,
A mais bela que jamais vira.
Tornara-se o assunto no confinado:
“Olha, a africana que conquistou o português”.
Sendo que o costume mais burguês
Jamais a encantara.

Na sua senzala, você me percebia.
Me mandava os mais simples bons-dias.
Ah! Mal sabia a felicidade que me trazia,

Mal sabia que o seu sorriso encantava os mais belos encantos.

Doía-me ser abusada pelos mais nojentos europeus,
Que não enxergavam sua beleza,
Sua alteza,
Ó, bela alteza, que ao menos tivesse a chance de abraçá-la
Quando a vejo aprofundar nas profundezas da senzala,
Quando a vejo orar pedindo a liberdade de sua alma,
Quando a vejo clamar pela sua própria morte.

A noite mais brilhante trazia a maior das escuridões,
Pois você gritava, clamava algo,
Mas, olha que graça, nem isso eu entendia,
Pois me proibiram de ouvir,
Mas não de repetir,
Para sempre,
"Oro-aûsub".

Permissão

Denivaldo Piaia

O menino nasceu menina; a menina se descobriu menino.

Juízes se apressaram no julgamento; afinal, ninguém tem o direito de ser feliz sem permissão.

Declarados culpados, viveram uma vida infeliz para a felicidade geral da nação.

Relato furtivo

Geovana De Moraes

Capitu por vezes amou Bentinho
Mas o que na história jamais se conta
É que por vezes ela amou também baixinho
Iracema, vil e essa natureza de afronta

Entregou-se a moça à liberdade que lhe saúda
Aos tais lábios de mel da dardejante mulher
Aos cabelos mais negros que a asa da graúna
Mais doce que o favo de jati, sorriso que lhe trouxer

Esta outra amou os olhos da cigana oblíqua
Encontrou naquelas pupilas de ressaca e lua
A alucinação das plantas da selva longínqua
Deleitaram-se então o fim, o fluido, o rio, a rua

E nesse fundir de conexões e assimetria
Cruas, riscaram o fogo cálido da existência
A chama alcançou a biblioteca de Alexandria
De jeito que não sobrasse página pra contar tal incidência

Eu resisto

Jon O'Brien

Eu resisto. Resisto cada vez que cruzo a porta de casa e me banho com o brilho da lua ou a luminosidade do sol. Resisto ao me atrever, ao me expor, ao permitir que as pessoas vejam meus trejeitos afeminados e o tom da minha voz. Resisto neste momento, ao pegar o saco de pães e caminhar para fora da padaria, desviando o olhar de uma pessoa de dentes cerrados e que clama pelo fim da minha existência. Ano passado. Três pedradas. A primeira foi o bastante para me derrubar, mas no afã de ceifar minha vida eles continuaram, o sorriso trêmulo enquanto eu engolia sangue.

— Você esqueceu seu troco! — o padeiro me avisa. Caminho sem olhar para trás.

Quando chego em casa, o ritual diabólico recomeça. Giro a chave duas vezes na fechadura, num cuidado absurdo e absoluto, e tento girar mais uma, embora ela emperre. A ansiedade nada em mim e eu nado no sal da ansiedade, que ingere meus braços e pernas trêmulos. Digo a mim mesmo que a porta claramente está trancada e que ninguém entrará aqui sem a minha permissão, que aqui é o meu refúgio e eu só preciso ter *calma, calma*, para poder aguentar.

Termino a incansável luta que dura alguns minutos e me afasto da porta com brutalidade, mas os pensamentos me atingem como um soco no estômago, e então eu vomito palavras de ódio e autodepreciação.

Verifico mais uma vez se a porta está trancada, mas, não satisfeito, verifico mais uma dezena de vezes. Ainda depois disso, coloco o sofá na frente da porta, garantindo que ninguém mais poderá entrar. Agora, é a vez das janelas...

Quando finalmente termino, vou até a cozinha iniciar um outro ritual interminável. Minhas mãos são afogadas na água morna da pia, mas eu não me canso de lavá-las, como se houvesse algo extremamente sujo na minha pele, na minha carne, em mim. Começo a cortar os legumes para o jantar, mas os pensamentos, afiados como facas, rasgam minha pele e expõem os meus defeitos para mim mesmo. Volto a lavar as mãos na pia, um gesto de proteção que adquirir há algum tempo, e, não satisfeito, faço isso mais uma dezena de vezes.

Eu tenho nome, mas não ousou pensá-lo em voz alta ou dizer a você pelo fato de sentir que com isso um perigo desabrocha como uma flor em mim. Posso dizer que tenho 25 anos e moro sozinho, e posso dizer um pouco mais. Sinto falta de alguém com quem dormir abraçado, alguém para me proteger de meus mundos exterior e interior. Sou bissexual, e eu garanto para você que essa não é uma sexualidade que existe apenas no nome. Eu sei o que sinto. Surpreendi-me ao ouvir um homossexual negando a existência da bissexualidade, dizendo que essa orientação é, na verdade, uma *transição* para o "gostar do mesmo sexo".

— Não ser hétero não significa necessariamente ser gay, assim como não ser gay não significa necessariamente ser hétero — falei para ele, resistindo mais uma vez.

As pessoas são mais complexas do que o "8 ou 80", os pacotes que nos empurram desde mais novos. Outras

pessoas afirmam que a bissexualidade mora junto com a promiscuidade, o que garanto que não é verdade. Ser bissexual não é o mesmo que ser polígamo; essas duas coisas nem sempre estão de mãos dadas. A promiscuidade é, certamente, é uma falha no caráter, mas falhas no caráter estão presentes em todas as sexualidades, não se restringindo aos bissexuais. E vou além: pelo fato de existirem mais heterossexuais que bissexuais no mundo, seria arriscado dizer que há mais promíscuos héteros que promíscuos bi?

Os pensamentos me distraíram mais uma vez, mas novamente me sinto incomodado. Portanto, ponho-me a lavar minhas mãos na pia. Imagino os germes sendo expulsos da minha pele e eu ficando novamente imaculado, pronto para me sujar de coisas que não consigo ver, mas que sinto. No meu emprego anterior, eu ia ao banheiro a quase todo momento para lavar o meu rosto, como se houvesse alguma coisa suja nele. Eu realmente sentia a sujeira, e, após lavar o rosto e me secar na toalha, imaginava que a toalha havia me passado alguma sujeira, e novamente me punha para debaixo da torneira para me lavar. O ciclo parecia não ter fim.

A gente não escolhe a sexualidade que a gente tem. Não sei dizer se nascemos com nossa sexualidade ou se isso é moldado a partir das nossas vivências. Sei que a primeira pessoa por quem me apaixonei foi uma garota na pré-escola. Ela tinha o sorriso fofo e sempre fora educada comigo. Acabei me apaixonando por outras pessoas depois disso, até o momento em que fui correspondido por um cara que dizia abertamente que queria o meu bem, mas que complicou as coisas a ponto de eu me tornar a pessoa

assustada que sou hoje. Ele me machucou, deixou-me ainda vivo, mas quase entrei em colapso. Quase entro em colapso hoje em dia. É como se ele não fosse me matar de verdade, mas sim me machucar a ponto de eu fazer mal a mim mesmo.

O meu ex-namorado me tratava bem no começo, mas com o tempo mudou — ou se *revelou*, como algumas pessoas diriam. De terno e tenro passou a ser agressivo e possessivo, com um ciúme tão grande e volumoso quanto o céu. Eu gostava dos momentos em que estávamos bem, e acreditei que estar bem apenas em alguns momentos era tudo o que eu precisava. O relacionamento foi ficando apertado, abusivo, até que chegou o momento em que eu cansei, terminei com ele e o deixei insatisfeito por isso.

Muitos relacionamentos heterossexuais acabam em briga, então por qual razão as relações homossexuais não acabariam também? O fato é que ele não me bateu. Gritava, esperneava e cruzava alguns limites — mas nunca todos. E eu estava cansado, afinal, todo mundo se cansa em algum momento. Todo mundo deveria conseguir dizer quando não se sente bem para continuar a relação. Não éramos um casal assumido, se é que você me entende, não saíamos juntos em público nem como amigos. Eu poderia dizer a tudo e todos que gostava de meninos e meninas, mas ele nunca diria que tinha desejos amorosos por homens. O autopreconceito com medo do preconceito era grande demais, e, se eu quisesse, poderia muito bem expôr ao mundo sua sexualidade. Mas não fiz isso. Na verdade, ele se passava por hétero com os amigos homofóbicos que ele tinha. Fazia piadas sobre gays, quando ele também gostava de meninos. O que ele fez... Ele convenceu esses

amigos dele a me darem uma surra. Eram pessoas que já haviam agredido homens gays e, portanto, não veriam problema em agredir um homem bi.

Eu chegava em casa com uma pesada sacola de compras quando ouvi passos atrás de mim. Antes de conseguir me virar, fui atingido na cabeça. Os golpes não pararam por aí; ainda me machucaram duas vezes com pedras. Além disso, roubaram o meu último dinheiro antes de irem embora. Eu fiquei estatelado no chão, sem qualquer reação, sem qualquer força. Acabei adormecendo e acordei horas depois, sentindo a dor antes de abrir os olhos.

Aquela invasão não tinha sido apenas física. Aqueles três homens perfuraram a minha alma, levaram um pedaço dela e nunca o devolveram. Meu peito, apertado, lutava por uma respiração. As lágrimas, sem cuidado, escorriam para o chão. Meus olhos não tinham mais brilho, não tinham mais vida. Minha psique afetada por anos de homofobia — e bifobia — agora estava mais estragada ainda, como uma maçã no último estado de podridão. Desenvolvi o Transtorno Obsessivo-Compulsivo, TOC, e passei a fazer atos ritualísticos e repetitivos, como lavar as mãos e verificar dezenas de vezes se a porta e as janelas estavam trancadas.

Eu não denunciei os agressores, mas aconselho alguém a fazê-lo se tiver forças para isso. Evito pensar no assunto, pois tudo é muito doloroso. Não quero reviver essas lembranças, não quero me afogar no mesmo mar de dor sozinho. Quero levantar a cabeça e seguir, resistir. Eu não vou fazer uma pergunta. Vou *afirmar* que não é errado eu desejar um namorado ou uma namorada do meu lado.

Não é errado querer viver uma vida que vale a pena ser vivida para mim, uma vida na qual não firo ninguém.

Ligo o notebook depois do jantar e acesso a minha rede social. Há uma nova mensagem do meu melhor amigo, um homem gay que se importa bastante com a minha saúde, assim como eu me importo com a dele. Ele diz querer me ver. Nós nos conhecemos em um grupo de depressão em que ele contou sua história e eu, compadecido, respondi contando a minha. Peço para meu amigo vir agora, se possível, porque preciso do seu apoio.

Quando abro a porta para ele, não a tranco. Não preciso. Consigo me sentir seguro ao lado desse amigo, consigo afastar meus demônios.

— Você quer que eu conte uma piada?

— Você não é bom com piadas — respondo, e só isso já me faz rir.

Então, ele tenta fazer graça, mas, vendo que permaneço carrancudo, me pega pelos braços e me puxa para uma dança. O abraço dele é confortável, amigável e amável. Dançamos valsa ao som da música que baila das suas cordas vocais.

— Amo você — falo, e o abraço se torna uma música linda e infinita.

— Eu também te amo.

Nós resistimos. Eu resisto.

Eu existo.

Mabel

Marina Gomes Silva

Moça bonita chamava atenção onde passava.

Às vezes era linda,

Mas quase sempre era “risada”, “chacota”

[e motivo de piada.

Ainda sem nome correto registrado em cartório,

Chamavam-na de Antônio enquanto trabalhava.

(Cinza)

Caminhando sem brilho até poder ser quem era,

Montada.

E de noite ali estava!

Maquiada,

Linda,

Feliz e de saia.

É preciso cuidado ao sair esta hora,

Certa vez ali mesmo na rua,

Fora espancada.

Mas Mabel não se calava!

E apenas mentalizou no triste dia em que passara,

Que cada tapa era só um pouco de dor,
Um pouco de nada,
Comparado à felicidade,
De florescer,
E ser chamada de “ela”.
Porque era isso que era.
(Resistir para existir)

Doce Mabel.

Alma gêmea

Cláudia Sant'Anna

Certo dia, entrei em uma padaria e o vi. Lá estávamos nós dois, na mesma hora, no mesmo lugar, apesar de morarmos em bairros totalmente diferentes daquele.

Reparei em cada detalhe dele. Seu jeito de se vestir, seu jeito de andar, de fazer um pedido à moça do balcão. Reparei também se tinha alguma aliança. Não tinha.

Pensei em me aproximar, puxar um assunto, mas sou tímida. Como faria uma coisa dessas? Me distraí olhando um pacote de biscoito quando ele me perguntou as horas. Me assustei, respondi e ele me aconselhou a comprar o biscoito, pois era muito bom. Agradei envergonhada, pois nem interessada no biscoito eu estava. Foi quando ele me olhou por uns 3 segundos, disse que eu tinha olhos lindos e emendou perguntando se eu morava por perto. Agradei mais uma vez, disse que morava bem longe, estava saindo da casa da minha madrinha. Fiz a mesma pergunta e ele disse que também não, estava visitando uma amiga. Pensei que só poderia ser coisa do destino mesmo.

Pronto para se despedir perguntou meu nome. *Maíra*, Respondi. Com um sorriso, ele disse que o seu era Mauro. Apertou minha mão, disse que foi um prazer conversar comigo, quando se aproximou outro rapaz e perguntou se ele já havia comprado tudo. Mauro respondeu que faltava pagar ainda, pois havia se distraído

numa conversa e me apresentou seu "companheiro", Renato.

Renato muito simpático, me cumprimentou, se despediu e levou Mauro pela mão... Acenei e assisti aquela cena com um certo pesar. Nunca senti tanta empatia por alguém em tão pouco tempo, poucos minutos.

Virei-me e uma moça me olhava. Ela chegou perto de mim e se apresentou:

— Prazer: Marina. Vem sempre aqui?

Duas mãos

Juliana Ortigosa Aggio

As duas coisas?

Não. Uma coisa depois a outra.

Uma dá a mão e a outra dá a mão.

Elas estão juntas, de mãos dadas.

As mãos que se dão.

As mãos que são carinhosas.

As meninas não estão mais juntas.

São as mãos que estão juntas.

Mãos dadas, falas entrelaçadas de silêncio e de suor.

Os dedos tímidos começam: pra lá e pra cá,

[pra lá e pra cá.

O suor já pinga das mãos meladas.

As duas mãos se despedem

e delicadamente se beijam.

LGBTFOBIUS

Débora Cristina Alves

O que reside em um corpo
além de pele, carne e osso
que provoca distinção restrita
e do homem a mulher transita?

No agrupamento finito, de células
moléculas e mito
faz com que o desejo permita
o que aquém a razão levita?

Da alma que não se engana
da dor, da moral
que tacanha espanta.
Sentir o que parece insano
o medo e atenção desvia
o puro ser, do humano.

E no julgamento dos presentes
plano perverso
em que range dentes

deforma e mata o ente
para que igual decerto ele seja
e do amor que morre,
o mal esquarteja.

Sobre os autores

Adriane Moreira Nunes: Nascida em 2001, atualmente estuda no Instituto Federal do Rio Grande do Norte. É apaixonada por poesias, mas seu foco é em poemas. Já foi terceira colocada num concurso de poemas de seu estado no ano de 2018, 1º Concurso UBE-RN de Literatura 2018.

Contato: adri.nunes1930@hotmail.com

André Foltran: André Foltran nasceu em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em 1996. É tradutor, formado em Tradução pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi premiado em dezenas de concursos literários, tendo poemas publicados em diversas antologias, revistas e suplementos literários. Mantém o blog pessoal Caderno: <http://andrefoltran.blogspot.com>.

Contato: andre.f.s.foltran@gmail.com

Beatrice Medrado: Autora brasileira.

Contato: bia_medrado@hotmail.com.br

Cláudia Sant'Anna: Carioca da gema é a autora, de 39 anos. Tentou a faculdade de Psicologia, pois se identifica com a profissão, mas a paixão pelos computadores falou mais alto. Foi a partir de um curso de informática que sua vida virtual começou – lhe rendeu um marido e um filho – e segue até hoje. Escreve poesias por hobby, assim como o artesanato. São formas que encontrou de se expressar e descansar da rotina. Suas poesias foram crescendo e desenvolvendo com ela, pois escreve desde seus 15 anos. Participação em 4 antologias de poesias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores (Volumes 80, 99, 100 e 126), em 2 edições especiais: uma de poemas e outra de contos, também da CBJE em 2018 e no X Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus.

Contato: mclausantanna@gmail.com

Débora Cristina Alves: é mestranda em comunicação e política, pesquisadora e produtora. Escreve desde os 10 anos, mas nunca expôs seus escritos mais profundos. Criou coragem e aos seus 37 anos, vendo a vida ser pautada no amor e na dor, julgou

necessário manifestar sua fala, pois acredita que, a luta se dá, também, com as palavras.

Contato: deboramilla@gmail.com

Denivaldo Piaia: Nascido e residente em Campinas-SP, formado em Comunicação Social – Jornalismo pela PUCCamp, hoje aposentado. Autor dos livros independentes “Quando a morte me convidar para dançar” (poesia) e “O dia em que Deus acordou inspirado” (prosa).

Contato: dmdj2017@gmail.com

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro.

Contato: edillongo@yahoo.com.br

Elias Araujo: mora em Américo Brasiliense. É professor de Educação Infantil na cidade vizinha, Araraquara. Na arte de escrever tem um longo caminho de aprendizado e para isso vem participando de vários concursos, dentre os quais se destacam: 1º lugar Poesia Academia de Letras de São João; 1º lugar Concurso de Conto SESC-AM; 1º lugar no 7º Concurso Literário Acrísio de Camargo. O autor tem dois romances publicados: “Todos os Pecados” (Kazuá, 2015) e “Pronomes Pessoais Entrelaçados” (Penalux, 2016).

Contato: elias.araujo2011@bol.com.br

Evandro Valentim de Melo: Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador; e escritor. Publicou Guardiões do cerrado (Assis, 2018); Aventura no cerrado (Assis, 2017); Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá (Assis, 2016), Cliques narrativos: um romance em crônicas (Assis, 2014); e “Causos” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Possui premiações nas categorias: conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Participa de diversas antologias.

Contato: ordnave.melo@gmail.com

Francisco Wellington Barbosa Jr.: Sertanejo do mundo, nascido em Quixeramobim-Ceará. Poeta desde menino, Psicólogo e Mestre em Literatura, autor da obra poética *Impermanências* (2016), apresenta poema na antologia *Olhar da Gente* (2014) e no Prêmio SESC de Poesia Carlos Drummond de Andrade (2018). Atualmente dedica-se ao Doutorado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro/Portugal) e segue escrevendo, ou melhor, escrevendo-se, pois a cada poema se faz um novo corpo, um Corpo-Poesia.

Contato: welligtonbjr@gmail.com

Geovana De Moraes: Tem 20 anos, nascida na cidade de São Paulo, mas atualmente mora em Ribeirão Preto, SP. Formada como Técnica em Química e cursa Ciências Biológicas na Universidade de São Paulo. Atuou como presidente do centro acadêmico da FFCLRP, participa do programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID), do coletivo feminista da faculdade e faz parte da equipe de poetisas da página “fazia poesia” no Medium. Começou a escrever na época de escola sobre os conflitos de ser criança, e desde então descobriu a grande paixão pela literatura, principalmente a literatura brasileira. Acredita que as formas textuais de todos os tipos vêm se modificando e abrindo espaço para as vozes que por muito tempo foram silenciadas e agora precisam gritar. Sua escrita e a escrita que mais admira tratam-se das palavras que clamam pelo direito à liberdade.

Contato: geovana.morais73@gmail.com

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na Internet, colabora com a revista literária eletrônica *Samizdat* desde 2008 e integra mais de uma trintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico.

Contato: episcopum@hotmail.com

Jon O'Brien: É um autor nascido em 1998 na cidade de São Paulo, que tem mais de uma dezena de contos publicados em diversas antologias, tendo como gênero preferido o suspense psicológico. Gosta de abordar os conflitos mentais dos personagens, além de colocar representatividade das minorias,

como personagens LGBTQ+, que estão, inclusive, em histórias cheias de ação, protagonizando esses papéis, e personagens com transtornos mentais e com um perfil psicológico muito complexo. É formado em Preparação e Revisão de Textos pela Casa Educação.

Contato: jon-obrien@outlook.com

Juliana Ortegosa Aggio: Nascida em São Paulo em 1979, mora em Salvador há sete anos, sou professora de filosofia na UFBA. Meu primeiro prazer é meu filho e meu segundo é a poesia e a filosofia.

Contato: juortegosa.aggio@gmail.com

Marina Gomes Silva: tem 17 anos, mora em Taboão da Serra. Conheceu o concurso de antologias buscando em editais lugares em que pudesse se expressar. Identifica-se muito com o tema LGBTQ, pois é uma pessoa transgênero não binário. Começou a escrever muito nova, com aproximadamente nove anos. Dessa forma pode ser como é e mostrar através das palavras, o modo como vê as coisas do mundo.

Contato: mahgomes791@gmail.com